

IRS Herança cultural

Benjamin TAUBKIN

Pianista, arranjador, compositor e produtor brasileiro, fundador da Casa do Núcleo, centro cultural dedicado à música, localizado em São Paulo.

MINHA EXPERIÊNCIA NO AZERBAIJÃO

FUI CONVIDADO PELO MINISTÉRIO DE CULTURA DA REPÚBLICA DO AZERBAIJÃO PARA ACOMPANHAR O INTERNATIONAL MUGHAM FESTIVAL, EM BAKU, CAPITAL DO PAÍS.

Para um brasileiro, ainda que um viajante constante como eu, a primeira associação que fazemos com este país, é a de lugar distante, exótico e desconhecido.

Creio que em nosso imaginário, o Azerbaijão está fortemente associado aos outros países vizinhos – Cazaquistão e Uzbequistão, por exemplo. Todos distantes. E de alguma forma, associado também a Rota da Seda, lendas e mitos.

Assim que, de surpresa em surpresa, se deu a minha aproximação com este país, suas realidades e cultura.

Baku é talvez a cidade mais limpa que já visitei. E reforço aqui que não foram poucas as cidades onde estive em todos os continentes.

A cidade preserva seus edifícios históricos. E ao mesmo tempo vem construindo prédios, teatros e museus com arquitetura contemporânea.

O estilo de vida, ao menos na capital, aproxima-se muito de qualquer cidade do leste europeu. Embora haja sempre um mistério, um tanto indecifrável no ar, para um ocidental, como eu. O que acho muito bom.

A música deste país é fascinante. O Mugam, sua música tradicional, é extremamente rica e sofisticada. Sofreu influência da música persa, turca e de outras fontes. Baseada em três instrumentos: o **tar**, instrumento de cordas dedilhadas; o **kamancha**, instrumento de arco com uma corda, existente em diferentes formatos nos vários países asiáticos; e o **ghaval**, um pandeirão com elementos de metal que ampliam os recursos sonoros. Outros instrumentos também aparecem - sopros, percussões e cordas -, que vão criando uma diversidade sonora muito atraente. A poesia ocupa um



papel de destaque neste universo. Toda a canção é construída levando em conta este elemento.

Outra forte tendência no país e, esta sim, ainda mais surpreendente, é o que eles chamam de Ethno Jazz. Um desenvolvimento local da linguagem jazzística, a qual se incorporam elementos da música tradicional. O resultado é fascinante. Uma música muito original, com enorme potencial, a meu ver.

Saí caminhando pela cidade com o intuito de apreender suas realidades e procurando observar o comportamento de sua gente. Em geral, simpáticos, mas reservados. Ao menos para um estrangeiro, que apenas consegue se comunicar em inglês. Como sempre em minhas viagens, fui em busca de uma loja de instrumentos locais; e acabei encontrando próximo ao hotel onde estava hospedado, uma muito boa. Comprei um Ghaval. Ao lado deste estabelecimento, há uma escola de jazz, um edifício que não deixa de surpreender por suas dimensões. Mas que se explica assim que ouvimos os músicos locais. Muitos extre-

mamente competentes e talentosos. Assisti a um concerto nesta escola, com um trio clássico de jazz do jovem pianista Etibar Assadi - piano, baixo e bateria -, mas acrescidos de uma kamancha e vocais. O resultado é uma música viva e estimulante.

Das apresentações de música tradicional, me marcou um concerto no museu Mugham Center, onde mestres e discípulos muito jovens apresentaram a música tradicional. É muito forte a experiência de ver músicos tão jovens - especialmente cantores - entre 14 e 20 e poucos anos, com tanta fluência e domínio desta linguagem. Era evidente também o afeto e o cuidado dos músicos mais experientes.

Creio ser um desafio para este país manter a sua tradição e criatividade – **e de alguma forma ampliar a sua difusão** –, em meio a este intenso desenvolvimento urbano e tecnológico.

Imagino que seja uma aposta de seu governo. E desejo sinceramente que seja bem sucedida. ✨